

# O TERNO: SUBJETIVIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDO

The suit: subjectivity and production of meaning

SIMÃO, Luisa<sup>1</sup>; Mestranda em Design; Universidade Anhembi Morumbi

luisasimao@live.com

MESQUITA, Cristiane<sup>2</sup>; Professora Dtra. do PPG em Design; Universidade Anhembi Morumbi; cfmesquita@anhembibr

## Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre os diferentes significados do terno masculino em dois momentos distintos: quando é feito sob medida e quando é produzido em escala industrial. Analisar os símbolos que constituem as significações do terno, bem como investigar sua produção de sentido, pode ser um caminho adequado para a compreensão de sua permanência no cenário contemporâneo da moda.

**Palavras Chave:** construção simbólica; terno; produção de sentido.

## Abstract

This article proposes a reflection about the meanings attributed to men's suit at two different times: when it is sized and when it is produced on an industrial scale. Analyze the symbols that constitute the meanings of the suit, and to investigate its production of meaning, can be a path to understanding their stay in the contemporary fashion scene.

**Keywords:** symbolic construction; suit; production of meaning.

---

<sup>1</sup> Luisa de Almeida Magalhães Simão, mestranda em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, é professora no curso tecnológico de Design de Moda na Estácio-BH (FESBH).

<sup>2</sup> Cristiane Mesquita, doutora em Psicologia pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade - PUC-SP, é professora e pesquisadora do Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Seus principais temas de pesquisa incluem interações entre design de moda, corpo, subjetividade, processos de criação e arte contemporânea.

## **Introdução**

Inúmeras são as definições utilizadas para explicar as possíveis representações que o terno carrega. Antongiavanni (2006, p. 73) nos apresenta uma definição interessante ao afirmar que o terno é, para o homem, o que sua casa é para sua vida ou seja, o terno é, de certa forma, um abrigo, uma proteção para o corpo e uma armadura no dia a dia das relações sociais. Enverga-se um uniforme de batalha, consubstanciado num traje que assemelha e distingue ao mesmo tempo, sempre com o intuito de proteger, resguardar e, simultaneamente, destacar as características daquele homem.

Já para Richard James, alfaiate inglês de Savile Row, o homem se expressa pelo terno que usa. Por ser a vestimenta mais caracteristicamente masculina e incorporando uma marcante versatilidade que não inibe o anonimato e, ao mesmo tempo é capaz de proporcionar ampla visibilidade e destaque ao usuário, o terno inspira respeitabilidade e define, quase sempre, os acessórios que o acompanham.

Desde o seu aparecimento e até os dias de hoje, mantém vivos signos próprios e peculiares que continuam a ser decodificados pela sociedade contemporânea. Cabe, então, a partir de algumas das definições acima relacionadas, uma reflexão sobre a permanência do terno no tempo.

Dessa maneira, a proposta deste trabalho é investigar a produção de sentido do terno em dois momentos marcantes e distintos - quando feito sob medida e quando produzido em escala industrial -, compreendendo os significados sociais e as construções e rupturas que o transmudaram hoje numa plataforma de mudanças da moda que dialoga harmoniosamente com o novo, sem descaracterizar a formalidade histórica inerente ao próprio espírito inicial da concepção do traje.

### **O terno sob medida: significações**

Para Baudrillard (2009, p. 85), “a fascinação pelo objeto artesanal vem do fato deste ter passado pela mão de alguém cujo trabalho ainda se acha nele inscrito: é a fascinação por aquilo que foi criado (e que por isto é único,

já que o momento da criação é irreversível)". Os rituais que envolvem a produção de um terno sob medida, conferem ao mesmo significados que se relacionam com sua autenticidade. Falamos de um objeto que tem papel importante nas interações sociais e que remonta, através de sua materialidade, um contexto, um tempo. O fascínio do autêntico, para Simmel (2008, p. 67), "consiste em que ele é, em todos os sentidos, mais do que sua imediata aparência, que partilha com o falso. O primeiro não é algo isolado, como o segundo, mas tem raízes e um chão para lá de simples aparência; o inautêntico, pelo contrario, é apenas aquilo que dele momentaneamente se vê". Ainda de acordo com o autor:

" De igual modo o homem "autêntico" é aquele em quem se pode confiar, mesmo quando não se tem debaixo dos olhos. Este mais-do-que-aparência constitui o valor do adorno; o valor, de facto, não é para nele se observar, é algo que, em relação à hábil falsificação, se acrescenta á sua aparência". (SIMMEL, 2008, p. 67)

A definição de aura<sup>3</sup>, proposta por Walter Benjamin (1992, p. 81) colabora para a compreensão do que chamamos de autenticidade. O conceito, dentro do contexto apresentado, está relacionado ao objeto único, mesmo que este não seja absoluto<sup>4</sup>.

"Pode resumir-se essa falta no conceito de aura e dizer: o que murcha na era da reprodutibilidade da obra de arte é a sua aura. O processo é sintomático, o seu significado ultrapassa o domínio da arte. Poderia caracterizar-se a técnica de reprodução dizendo que liberta o objeto do domínio da tradição. Ao multiplicar o reproduzido, coloca no lugar de ocorrência única a ocorrência em massa". (BENJAMIN, 1992, p. 79)

Nesse sentido, estudar o valor intrínseco do terno sob medida facilita a continuidade do estudo buscando compreender seus valores simbólicos e os significados que o traje agregou ao longo dos tempos e que, em grande medida, se mantém até os dias de hoje.

---

<sup>3</sup> "Manifestação única de uma lonjura, por muito próxima que esteja". (BENJAMIN, Walter. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Relógio D'Água Editores, 1992. p. 81.)

<sup>4</sup> "O objeto verdadeiramente único, absoluto, de tal forma que se apresente sem antecedente, sem dispersão em qualquer série, é impensável. Não existe, tal como não existe som puro". (BAUDRILLARD, 2009, p. 101)

O valor da vestimenta é algo que ultrapassa os limites do visível e do tangível e a ocorrência desse fato se dá, segundo Baudrillard (2009, p. 98), porque “os objetos desempenham um papel regulador na vida cotidiana, neles são abolidas muitas neuroses, anuladas muitas tensões e aflições, é isto que lhes dá uma “alma”, é isso que os torna “nossos”, mas é também isto que faz deles o cenário de uma mitologia tenaz, cenário ideal de um equilíbrio neurótico”. Para o autor, aquilo que falta ao homem se acha investido no objeto e, nas palavras de Simmel (2008), este “mais-do-que-aparência” é o que constitui o valor do adorno que vai além de sua aparência, ou seja, é o que constitui seu valor simbólico.

Os valores simbólicos atribuídos ao terno sob medida relacionam-se diretamente à sua utilização. O terno artesanal incorpora mais significados, relacionados à inserção social do indivíduo que o veste, ou seja, demonstra como ele deseja ser visto.

Considerando a moda como um sistema que permite a ressemantização do corpo e enseja ao sujeito a protagonização de papéis sociais diversos, é oportuna a reflexão de Castilho (2004, p. 115) ao afirmar que “quando utilizados pelo grupo masculino, certos trajes assumiam significados específicos, como a glória na hierarquia militar, civil ou religiosa. No conjunto, a indumentária masculina conferia aos homens o poder, a grandeza, a riqueza, a dignidade no contexto de uma determinada coletividade”.

“O sujeito, assim, constrói um discurso sobre o seu corpo, que lhe dá competência para protagonizar diferentes programas narrativos que se manifestam pela composição e articulação das formas constitutivas de sua proposta de parecer, e, com isso, poderá atuar em diferentes papéis no contexto social”. (CASTILHO, 2004, p. 183)

No mesmo sentido as palavras de Simmel (2008, p. 43): “este significado da moda é o que a leva a ser adotada por homens refinados e originais: utilizam-na como máscara. A obediência cega às normas do geral em tudo o que é exterior, é para eles o meio consciente e deliberado de reservar a sua sensibilidade e os seus gostos pessoais; querem a tal ponto guardar estes para si que se opõe a uma exibição que os tornaria acessíveis

a todos”. Cabe aqui ressaltar o caráter dualista da moda que é considerada coletiva, direcionada à integridade do grupo e promovendo a junção dos extratos sociais e, ao mesmo tempo, é extremamente individualista quando abre ao indivíduo a possibilidade de se diferenciar do todo. Simmel explica:

“Ela (a moda social) é sustida, por um lado, pela necessidade individual de diferença e documenta a mesma tendência que actua na moda social. Mas a necessidade de imitação, de homogeneização, de imersão na generalidade satisfaz-se aqui unicamente dentro do próprio indivíduo, ou seja, através da concentração da consciência pessoal naquela forma ou conteúdo, através da coloração unitária que o ser individual assim obtém, através da imitação, por assim dizer, de si mesmo, que aqui entra para o lugar da imitação dos outros”. (SIMMEL, 2008, p. 47, 48)

Assim, o terno sob medida surgiu como alternativa para que os homens do século XIX pudessem transitar entre a distinção de sua imagem e a homogeneização da mesma na sociedade. O terno é, portanto, “uma proteção contra a hostilidade geral do mundo; ou, expressando-se de forma mais psicológica, uma seguridade contra a falta de amor. Se nós estamos em ambientes hostis, seja humano ou natural, como costume tendemos a abotoar e nos enrolar em nossas peças de roupa” (FLUGEL, citado por CARTER, 2003, p.86).

Os signos atrelados ao terno feito à mão e suas representações perpetuaram-se para além do período em que eram exclusivamente feitos sob medida. Muitos dos significados do traje artesanal mantêm-se até os dias de hoje, principalmente aqueles relacionados ao impacto visual que o terno causa: seriedade, força, profissionalismo, sedução.

O que deve ser compreendido é que muito antes de se tornar um símbolo de poder, competência, seriedade e masculinidade, o terno podia ser considerado uma verdadeira armadura e, não por acaso, era também visto como um uniforme civil, principalmente quando passou a ser produzido em escala industrial, tornando-se ainda mais democrático.

### **O terno *prêt-à-porter*: significações**

Ao terno são atribuídos significados de diversas naturezas. Sabemos que a base estética que deu origem ao ideal moderno de elegância masculina procurou imitar a beleza e a eficiência da natureza. De acordo com Brandini (2003), “se até o século XVIII a espetacularidade no traje masculino constituía uma forma aristocrática de representação do poder, novas convenções sociais, entre elas, a banalização do luxo ostentatório entre a aristocracia, a projeção do corpo humano como extensão do trabalho e a condenação do homossexualismo em países como a Inglaterra, a partir do século XVIII, reduziram a espetacularização no traje do homem, tornando-o escuro e sóbrio”. A riqueza de um homem estava representada nas vestes de suas filhas, esposas e mães, e não mais na extravagância de sua própria vestimenta. A adoção de roupas mais simples e sóbrias decorreu da era industrial que se instalava, exigindo mais sobriedade, conforto e flexibilidade das vestimentas masculinas, bem como a reconstrução de sua imagem pública.

Brandini (2003) afirma ainda que “entre o proletariado, o capitalismo industrial passou a ditar a vida material do domínio público, a produção em massa de roupas e o uso destes padrões de produção em massa para alfaiates e costureiras significavam que a vida pública urbana começava a adotar uma aparência semelhante. Com a dimensão adquirida pela máquina, entre a emergente classe operária, o corpo se uniformizava para o trabalho e as diferenças sociais se expressavam pela composição da indumentária”. É nesse contexto que refletiremos sobre os signos que são atribuídos ao terno feito em escala industrial, pensando na tendência à indiferenciação do homem público.

Para compreender a diferença entre o objeto artesanal e o industrial, fato de suma importância para a continuação dessa reflexão, é importante repassar as palavras de Baudrillard (2009, p. 196, 197) quando afirma que na produção artesanal os objetos refletem as necessidades na sua contingência e na sua singularidade, fazendo com que o sistema de produção se adapte ao sistema das necessidades. Já na era industrial, os objetos fabricados adquirem uma coerência que vem da ordem técnica e das estruturas econômicas. O sistema das necessidades torna-se menos coerente que o sistema dos objetos e este impõe coerência e adquire poder de modelar uma

civilização.

De fato, a industrialização contribuiu para a democratização do terno. Não só tornando-o mais acessível financeiramente como também disseminando seus signos e permitindo uma maior flexibilidade em termos de design. Pode-se pensar, no entanto, que muito se perdeu nessa transição dos moldes produtivos e, de fato, no que diz respeito à qualidade relativa aos ternos industrializados, fica claro que estes deixam muito a desejar se comparados a um terno artesanal. Nesse sentido, é valiosa a contribuição da tecnologia que elevou os padrões de qualidade e aproximou as duas realidades.

Os valores simbólicos relativos ao terno, no entanto, permanecem quase intactos na era industrial, com exceção dos signos relacionados à questão da autenticidade, que de fato se perderam. Nesse contexto, o terno continua a disseminar seus códigos de maneira ainda mais abrangente, preservando muitos dos significados que lhe eram outrora atribuídos.

Há algo no vestuário masculino que o torna mais moderno, talvez por possuir uma superioridade estética e uma “maturidade” de design extremamente satisfatória. Suas formas são visivelmente mais avançadas, e asseguraram, dessa maneira, a permanência do terno durante tantos anos nos códigos do vestir, associado também que é ao poder, à capacidade intelectual, à seriedade e ao profissionalismo. Isso pode ser comprovado pela apropriação feminina do vestuário masculino, quando as mulheres desejam inspirar maior credibilidade e competência profissional. Com maior ou menor deliberação, segundo Simmel (2008, p. 47), “o indivíduo cria, muitas vezes, para si mesmo uma conduta, um estilo que se caracteriza como moda pelo ritmo de sua manifestação, de seu fazer-se valer e sobressair”.

O século XIX, para Brandini (2003), “foi um momento de ruptura, transformação e adoção de novos valores e referências derivadas do que chamamos de modernidade. O novo se sobrepõe à tradição, o individual sobre o coletivo, o privado sobre o público e adventos como o consumo e a técnica derivados do capitalismo industrial tornam-se símbolos a representar uma nova era”, onde o poder da permanência da alfaiataria continua mostrando autoridade, força simbólica e emocional como valores de perpetuação.

## **Significados sexuais atribuídos ao terno**

Hollander (1996, p. 47) afirma que “a simplicidade moderna tornou-se um tema altamente erótico, permeando todas as formas de design” e que a sexualidade é o motor fundamental das roupas modernas sustentando toda e qualquer força na moda, evocando ou não as características sexuais do usuário. Para a autora, a sexualidade no vestuário é algo que decorre do fato de que a roupa identifica cada indivíduo ou seja, empresta-lhe identidade e define idéias sobre o próprio corpo. A vestimenta é, inicialmente, masculina ou feminina, para só depois ser classificada como roupa de trabalho, de atividades esportivas, de lazer, etc.

“Os efeitos de sentido de sensualidade e os de erotismo que o traje e o adorno, por suas composições plásticas, conferem ao corpo realçam nessas manifestações um programa narrativo articulado por estratégias de manipulação diversas, das quais se sobressaem a sedução e a tentação”.(CASTILHO, 2004, p. 100)

Castilho (2004, p. 111) considera complexo o simbolismo sexual criado pelo traje, uma vez que este se estabelece mediante relações interpessoais que se alternam em razão das modificações socioeconômicas e culturais.

Para compreender o viés sexual que o terno adquire ao longo de sua história, é necessário voltar ao contexto de sua origem. Os ternos são originalmente neoclássicos e isso explica, a princípio, o porque das primeiras associações das vestimentas masculinas com o erotismo.

Na Grécia Antiga, no fim do século III a. C, a força, a virtude e a honestidade masculinas eram diretamente associadas ao herói nu. No neoclassicismo, o herói nu se torna padrão de beleza masculina a ser seguido. A estrutura do corpo vestido foi baseada na nudez natural da antiguidade, daí o erotismo tão comumente relacionado ao terno.

Se se pensar nos aspectos formais, estes também estão evocando significados sexuais. A estrutura do terno era feita de maneira a reconstruir o corpo nos moldes clássicos, baseando-se em ossos e músculos, aumentando ombros e tórax, construindo uma imagem imponente e extremamente sexualizada, por traduzir no tecido a nudez do homem.

“O terno apresenta, desde seu nascimento, características simbólicas que até hoje são vigentes. Expressam masculinidade, mas não restringem o corpo como a armadura ou gibões da Renascença. Possui caimento fácil e esconde a superfície do corpo de modo bastante completo, o que o faz ter a reputação de inexpressivo, em uma época de músculos trabalhados e quase nudez dos corpos”. (HOLLANDER, 1996, p. 144-145)

A carga erótica da sedução masculina através do terno pode também ser explicada pelo fato de que portá-lo não era tarefa fácil. Vestir o traje exigia postura e elegância no movimento dando a idéia, segundo Hollander (1996), de “esforço sem esforço”, o que reforça a conotação sexual. Na reflexão de Castilho (2004, p. 71) “o corpo age, põe em ação o gesto, por intermédio da mobilidade, que amplia significativamente o potencial de significação da linguagem corporal capaz também de traduzir esse universo polarizado entre o masculino e o feminino”.

Algumas vestimentas anteriores ao terno apresentavam de maneira semelhante, porém muito mais óbvia, alguns traços sexuais. Na Renascença, a virilidade do homem era demonstrada através da ênfase que se dava ao órgão sexual masculino com o “porta-pênis”, uma estrutura rígida que marcava o local da genitália. Em diversos períodos, inúmeros foram os recursos que exaltavam as características sexuais do homem: desde o recorte das roupas de maneira enviesada, direcionado ao órgão sexual, até o jogo de cores das vestimentas para se chegar a um mesmo efeito. O terno, no entanto, apresenta uma sexualidade latente, mas muito mais sutil. Ele é folgado no corpo, é articulado, é confortável, ao contrário das indumentárias e da moda do passado.

O surgimento da gravata aconteceu, entre outros motivos, como forma discreta de ressaltar essas referências sexuais passadas. Seu formato fálico e seu sentido de direcionamento – uma seta que aponta para baixo – evocam o caráter erótico e instigam a atenção do observador para o órgão sexual masculino.

A moda, segundo Hollander (1996, p. 51), “ao enfatizar a proposta de

um corpo individual, ilustra a idéia de que a sexualidade, com sua dependência da fantasia individual e da memória, governe a vida de cada pessoa”. Castilho (2004, p. 141), por sua vez, afirma que “o corpo sempre se oferece como suporte gerador de significação, articulador de um discurso que permite a ação da plasticidade da decoração corpórea nas situações de interação, presentificação e representação pelo contato que determina valores positivos e negativos que podem ser, em linhas gerais, polêmico ou contratual, implícito ou explícito”.

Vê-se, assim, que o sujeito, através da moda e do corpo é capaz de gerar inúmeras significações ou re-significações que perpassam aspectos sociais, sexuais e estéticos, entre outros. O antagonismo de sentidos relacionado à busca da individualização e, simultaneamente, à aceitação social, acompanham a evolução do traje moderno.

## **CONCLUSÃO**

Confortável de usar e símbolo de poder e de capacidade intelectual, o terno apresenta superioridade estética e forma visual avançada, continuando a emitir seus signos diretos independentemente da forma como é produzido.

Hollander (1996, p. 76) afirma que “o terno é moderno no melhor sentido clássico” e tem impregnado em sua estrutura os conceitos de transitoriedade e ao mesmo tempo, de permanência. Gradualmente constitui um padrão de vestuário civil para o mundo inteiro, sugerindo probidade, comedimento, prudência e desprendimento.

O traje, então, permanece poderoso e com sua força intacta, dividindo a cena com outras maneiras de vestir, mostrando-se como um espelho da moderna auto-estima masculina e acompanhando de maneira sutil as mudanças exigidas pelo mercado, onde a inovação é carro chefe, mantendo ao mesmo tempo sua continuidade puramente formal.

## **Referências**

ANTONGIAVANNI, Nicholas. **The Suit**. NY: HarperCollins Publishers, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Relógio D'Água Editores, 1992.

BRANDINI, Valéria. Moda, Comunicação e modernidade no século XIX. A fabricação sociocultural da imagem pública pela moda na era da industrialização. **Artigo baseado em pesquisa realizada para teste de doutorado na ECA-USP, em convênio com a Central Saint Martin's School of fashion (Londres) e Universitá La Sapienza (Roma)** com auxílio de bolsa de Doutorado Sanduíche da FAPESP.

CARTER, Michel. **J. C. Flugel e o Futuro Desnudo**. Fashion Theory . Volume 2, Numero 1. Março de 2003. São Paulo Editora Anhembi Morumbi.

CASTILHO, Kathia. **Moda e Linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MUSGRAVE, Eric. **Sharp Suits**. United Kingdom: Pavilion Books, 2009.

SIMMEL, George. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, Lda, 2008.